

## **A IDEOLOGIA ALEMÃ**

### **Karl Marx e Friedrich Engels**

#### ***Prefácio***

*Até agora, os homens formaram sempre idéias falsas sobre si mesmos, sobre aquilo que são ou deveriam ser. Organizaram as suas relações mútuas em função das representações de Deus, do homem normal, etc., que aceitavam. Estes produtos do seu cérebro acabaram por os dominar; apesar de criadores, inclinaram-se perante as suas próprias criações. Libertemo-los portanto das quimeras, das idéias, dos dogmas, dos seres imaginários cujo jugo os faz degenerar. Revoltemo-nos contra o império dessas idéias. Ensinamos os homens a substituir essas ilusões por pensamentos que correspondam à essência do homem, afirma um; a ter perante elas uma atitude crítica, afirma outro; a tirá-las da cabeça, diz um terceiro e a realidade existente desaparecerá.*

*Estes sonhos inocentes e pueris formam o núcleo da filosofia atual dos Jovens Hegelianos; e, na Alemanha, são não só acolhidas pelo público com um misto de respeito e pavor como ainda apresentadas pelos próprios heróis filosóficos com a solene convicção de que tais idéias, de uma virulência criminosa, constituem para o inundo um perigo revolucionário. O primeiro volume desta obra propõe-se desmascarar estas ovelhas que se julgam lobos e que são tomadas como lobas mostrando que os seus balidos apenas repetem numa linguagem filosófica as representações dos burgueses alemães e que as suas fanfarronadas se limitam a refletir a pobreza lastimosa da realidade alemã; propõe-se ridicularizar e desacreditar esse combate filosófico contra assombras da realidade que tanto agrada à sonolência sonhadora do povo alemão.*

*Em tempos, houve quem pensasse que os homens se afogavam apenas por acreditarem na idéia da gravidade. Se tirassem esta idéia da cabeça, declarando por exemplo que não era mais do que uma representação religiosa, supersticiosa, ficariam imediatamente livres de qualquer perigo de afogamento. Durante toda a sua vida, o homem que assim pensou viu-se obrigado a lutar contra rodas as estatísticas que demonstram repetidamente as conseqüências perniciosas de uma tal ilusão. Este homem constituía um exemplo vivo dos atuais filósofos revolucionários alemães. (1)*

## FEUERBACH

### Oposição entre a concepção materialista e a idealista

#### *Introdução*

De acordo com certos ideólogos alemães, a Alemanha teria sido nestes últimos anos o teatro de uma revolução sem precedentes. O processo de decomposição do sistema hegeliano, iniciado com Strauss (2), teria dado origem a uma fermentação universal para a qual teriam sido arrastadas todas as «potências do passado». Nesse caos universal, formaram-se impérios poderosos que depois sofreram uma derrocada imponente, surgiram heróis efêmeros mais tarde derrubados por rivais audazes e mais poderosos. Perante uma tal revolução, a Revolução francesa não foi mais do que uma brincadeira de crianças e os combates dos diádocos (3) parecem-nos mesquinhos. Os princípios foram substituídos, os heróis do pensamento derrubaram-se uns aos outros: de 1842 a 1845, o solo alemão foi mais revolvido do que nos três séculos anteriores.

E tudo isto se teria passado nos domínios do pensamento puro (4). Trata-se, com efeito, de um acontecimento interessante: o processo de decomposição do espírito absoluto (5).

Depois de se extinguir a sua última centelha de vida, os diversos elementos deste caput mortuum (6) entraram em decomposição, formaram novas combinações e constituíram novas substâncias. Os industriais da filosofia, que até então viviam da exploração do espírito absoluto, ocuparam-se imediatamente dessas novas combinações, procurando com todo o zelo fazer render a parte que lhes coubera. Mas também aqui havia concorrência... No início, esta foi praticada de uma forma bastante séria e burguesa; mais tarde, quando o mercado alemão ficou saturado e se verificou ser impossível, apesar de todos os esforços, escoar a mercadoria no mercado mundial, o negócio foi viciado, como é habitual na Alemanha, por uma produção inferior, pela alteração da qualidade, pela adulteração da matéria-prima, a falsificação dos rótulos, as vendas fictícias, os cheques sem cobertura e a instauração de um sistema de crédito sem qualquer base concreta. Esta concorrência deu origem a uma luta encarniçada que nos é agora apresentada e enaltecida como uma revolução histórica que teria conseguido prodigiosos resultados e conquistas.

Mas para ter uma idéia justa desta charlatanice filosófica que desperta no coração do honesto burguês alemão um agradável sentimento nacional, para dar uma idéia concreta da mesquinhez, da pequenez provinciana (7) de todo este movimento jovem-hegeliano, e especialmente de todo o contraste trágicocômico entre aquilo que estes heróis realmente fazem e o que julgam fazer, é necessário examinar todo este espetáculo de um ponto de vista exterior à Alemanha (8).

Torna-se assim evidente que os jovens hegelianos devem lutar apenas contra estas ilusões da consciência. (9)

Como, na sua imaginação, as relações entre os homens, todos os seus atos e os seus gostos, as suas cadeias e os seus limites, são produtos da consciência, os jovens-

hegelianos. coerentes consigo mesmos, propõem aos homens este postulado moral: substituir a sua consciência atual pela consciência humana crítica ou egoísta e, ao fazê-lo abolir os seus limites, Exigir uma tal transformação da consciência significa interpretar diferentemente aquilo que existe, isto é, aceitá-lo com uma interpretação diferente. Apesar das suas frases pomposas, que «revolucionam o mundo», os ideólogos da escola jovem-hegeliana são os maiores conservadores. Os mais jovens encontraram uma expressão exata fraseologia para qualificar a sua atividade quando afirmam lutar unicamente contra uma «fraseologia»; esquecem-se porém de que apenas lhe opõem uma outra fraseologia e de que não é lutando contra a fraseologia de um mundo, que se luta com o mundo que realmente existe. Os únicos resultados que se conseguiram com esta crítica filosófica foram alguns esclarecimentos quanto à história religiosa -e mesmo isto de um ponto de vista muitolimitado - do cristianismo; todas as suas outras afirmações constituem novas formas de ornamentar a sua pretensão de terem realizado descobertas de importância histórica quando, de fato, não foram mais do que esclarecimentos insignificantes.

Nenhum destes filósofos se lembrou de perguntar qual seria a relação entre a filosofia alemã e a realidade alemã, a relação entre a sua crítica e o seu próprio meio material.

## **1. A IDEOLOGIA ALEMÃ;**

### **EM ESPECIAL, A FILOSOFIA ALEMÃ.**

A (10)

As premissas de que partimos não constituem bases arbitrárias, nem dogmas; são antes bases reais de que só é possível abstrair no âmbito da imaginação. As nossas premissas são os indivíduos reais, a sua ação e as suas condições materiais de existência, quer se trate daquelas que encontrou já elaboradas quando do seu aparecimento quer das que ele próprio criou. Estas bases são portanto verificáveis por vias puramente empíricas.

A primeira condição de toda a história humana é evidentemente a existência de seres humanos vivos (11)

O primeiro estado real que encontramos é então constituído pela complexidade corporal desses indivíduos e as relações a que ela obriga com o resto da natureza. Não poderemos fazer aqui um estudo aprofundado da constituição física do homem ou das condições naturais, geológicas, orográficas, hidrográficas, climáticas e outras (12), que se lhe depararam já elaboradas. Toda a historiografia deve necessariamente partir dessas bases naturais e da sua modificação provocada pelos homens no decurso da história.

Pode-se referir a consciência, a religião e tudo o que se quiser como distinção entre os homens e os animais; porém, esta distinção só começa a existir quando os homens iniciam a produção dos seus meios de vida, passo em frente que é consequência da sua organização corporal. Ao produzirem os seus meios de existência, os homens produzem indiretamente a sua própria vida material.

A forma como os homens produzem esses meios depende em primeiro lugar da natureza, isto é, dos meios de existência já elaborados e que lhes é necessário reproduzir; mas não deveremos considerar esse modo de produção deste único ponto de vista, isto é, enquanto mera reprodução da existência física dos indivíduos. Pelo contrário, já constitui um modo determinado de atividade de tais indivíduos, uma forma determinada de manifestar a sua vida, um modo de vida determinado. A forma como os indivíduos manifestam a sua vida reflete muito exatamente aquilo que são, o que são coincide portanto com a sua produção, isto é, tanto com aquilo que produzem como com a forma como produzem. Aquilo que os indivíduos são depende portanto das condições materiais da sua produção. Esta produção só aparece com o aumento da população e pressupõe a existência de relações entre os indivíduos.

A forma dessas relações é por sua vez condicionada pela produção.

As relações entre as diferentes nações dependem do estágio de desenvolvimento das forças produtivas, da divisão de trabalho e das relações internas em cada uma delas. Este princípio é universalmente reconhecido. No entanto, não são apenas as relações entre uma nação e qualquer outra que dependem do nível de desenvolvimento da sua produção e das suas relações internas e externas; o mesmo acontece com toda a estrutura interna dessa nação. Reconhece-se facilmente o grau de desenvolvimento atingido pelas forças produtivas de uma nação a partir do desenvolvimento atingido pela divisão do trabalho. Na medida em que não constitui apenas uma mera extensão quantitativa das forças produtivas já conhecidas (como, por exemplo, o aproveitamento de terras incultas), qualquer nova força de produção tem por consequência um novo aperfeiçoamento da divisão do trabalho.

A divisão do trabalho numa nação obriga em primeiro lugar à separação entre o trabalho industrial e comercial e o trabalho agrícola; e, como consequência, à separação entre a cidade e o campo e à oposição dos seus interesses. O seu desenvolvimento ulterior conduz à separação do trabalho comercial e do trabalho industrial. Simultaneamente, e devido à divisão de trabalho no interior dos diferentes ramos, assiste-se ao desenvolvimento de diversas subdivisões entre os indivíduos que cooperam em trabalhos determinados. A posição de quaisquer destas subdivisões particulares relativamente às outras é condicionada pelo modo de exploração do trabalho agrícola, industrial e comercial (patriarcado, escravatura, ordens e classes). O mesmo acontece quando o comércio se desenvolve entre as diversas nações.

Os vários estádios de desenvolvimento da divisão do trabalho representam outras tantas formas diferentes de propriedade; por outras palavras, cada novo estágio na divisão de trabalho determina igualmente as relações entre os indivíduos no que toca à matéria, aos instrumentos e aos produtos do trabalho.

A primeira forma da propriedade é a propriedade da tribo; corresponde ao tipo rudimentar da produção em que os homens se alimentavam da caça e da pesca, da criação de gado e de uma agricultura incipiente, a qual pressupunha uma enorme quantidade de terras incultas. A divisão do trabalho é então muito pouco desenvolvida e limita-se a constituir uma extensão da divisão do trabalho natural que existia no âmbito da família. A estrutura social é, ela própria, uma extensão da estrutura familiar: no topo encontravam-se os chefes da tribo patriarca!, seguidos dos membros da tribo e, finalmente, dos escravos. A escravatura latente na família só se desenvolve pouco a pouco com o crescimento da população, das necessidades, e das relações exteriores; e, quanto a estas, quer fossem através da guerra ou do comércio.

A segunda forma de propriedade é a propriedade comunitária e a propriedade estatal, que encontramos na antigüidade e que provém sobretudo da reunião de várias tribos numa única cidade, por contrato ou por conquista, e na qual subsiste a escravatura. A par da propriedade comunitária desenvolve-se a propriedade privada mobiliária e mais tarde a imobiliária; mas desenvolve-se ainda como uma forma anormal e subordinada à propriedade comunitária. Os cidadãos só coletivamente exercem o seu poder sobre os escravos que trabalham para eles, o que os liga à forma da propriedade comunitária. Esta forma constitui já um tipo de propriedade privada dos cidadãos ativos que, face aos escravos, são obrigados a conservar ainda uma forma natural de associação. Toda a estrutura social que nela se baseia, assim como o poder do povo, desagregam-se ulteriormente na exata medida em que se desenvolve, principalmente, a propriedade privada imobiliária. A divisão de trabalho está mais evoluída; encontramos já a oposição entre a cidade e o campo, e mais tarde a oposição entre os Estados que representam o interesse das cidades e aqueles que representam o interesse dos campos. Mesmo no interior das cidades vamos encontrar uma oposição entre o comércio marítimo e a indústria. As relações de classe entre cidadãos e escravos atingem o seu maior desenvolvimento (13)

Com a evolução da propriedade privada, surgem pela primeira vez as relações que reencontramos na propriedade privada moderna, embora numa escala maior: por um lado, a concentração da propriedade privada que começou muito cedo em Roma. como o prova a lei agrária de Licinius (14), e que avançou rapidamente a partir das guerras civis e sobretudo sob o Império; por outro lado, e em correlação com estes fatos, a transformação dos pequenos camponeses plebeus num proletariado, cuja situação intermédia entre os cidadãos possuidores e os escravos impediu um desenvolvimento independente.

A terceira forma é a propriedade feudal ou propriedade por ordens. Ao passo que a antigüidade partia da cidade e do seu pequeno território, a Idade Média partia do campo. A população existente, espalhada por uma enorme superfície que nem sequer os conquistadores vinham ocupar, condicionou esta mudança de ponto de partida. Contrariamente ao que acontecera na Grécia e em Roma, o desenvolvimento feudal inicia-se portanto numa extensão territorial muito maior, preparada pelas conquistas romanas e pelo desenvolvimento do cultivo da terra a que aquelas inicialmente deram origem. Os últimos séculos do Império Romano em declínio e as conquistas dos bárbaros destruíram uma grande massa de forças produtivas: a agricultura definha, a indústria entra em decadência por falta de mercados, o comércio arrasta-se penosamente ou é totalmente interrompido pela violência, e a população, tanto a rural como a urbana, diminui. Esta situação e o modo de organização a que deu origem desenvolveram, sob a influência da organização militar dos Germanos, a propriedade feudal. Tal como a propriedade da tribo e da comuna, aquela repousa por sua vez numa comunidade em que já não são os escravos, como acontecera no sistema antigo, mas sim os servos da gleba que constituem a classe diretamente produtora. Paralelamente ao processo de desenvolvimento do feudalismo surge a oposição às cidades. A estrutura hierárquica da propriedade fundiária e a suserania militar que lhe correspondia conferiram à nobreza um poder total sobre os servos

Esta estrutura feudal, do mesmo modo que a antiga propriedade comunal, constituía uma associação contra a classe produtora dominada; e as diferenças existentes entre esses dois tipos de associação e de relações com os produtores imediatos eram uma consequência do fato de as condições de produção serem diferentes.

A esta estrutura feudal da propriedade fundiária correspondia, nas cidades, a propriedade corporativa, a organização feudal do artesanato. Aqui, a propriedade consistia principalmente no trabalho de cada indivíduo, e foi a necessidade de associação contra uma nobreza voraz, a vantagem de dispor de locais de venda comuns numa época em que o industrial era simultaneamente comerciante, a concorrência crescente dos servos que se evadiam em massa para as cidades prósperas e a estrutura feudal de todo o país que levaram à constituição de corporações; os pequenos capitais economizados pouco a pouco pelos artesãos isolados e o número invariável que estes representavam numa população que aumentava sem cessar desenvolveram a condição de companheiro e de aprendiz, que, nas cidades, deu origem a uma hierarquia semelhante à existente no campo.

Portanto, durante a época feudal, o tipo fundamental de propriedade era o da propriedade fundiária à qual estava submetido o trabalho dos servos, por um lado, e, por outro, o trabalho pessoal apoiado num pequeno capital e regendo o trabalho dos oficiais. A estrutura de cada uma destas duas formas era condicionada pelas limitadas relações de produção, a agricultura rudimentar e restrita e a indústria artesanal. Quando do apogeu do feudalismo, a divisão do trabalho foi muito pouco impulsionada: cada país continha em si mesmo a oposição cidade-campo. A divisão em ordens era muito acentuada mas não encontramos nenhuma outra divisão de trabalho importante fora da separação entre príncipes, nobreza, clero e camponeses no campo, e mestres, companheiros e aprendizes, e posteriormente uma plebe de jornaleiros, nas cidades. Na agricultura, essa divisão tornava-se mais difícil pela existência da exploração parcelar, paralelamente à qual se desenvolveu a indústria doméstica dos próprios camponeses; na indústria, não existia divisão do trabalho dentro de cada ofício, e muito pouca entre os diferentes ofícios. A divisão entre o comércio e a indústria existia já nas cidades antigas, mas só mais tarde se desenvolveu nas cidades novas, quando estas iniciaram contatos mútuos.

O agrupamento de terras de uma certa extensão em reinos feudais era tanto uma necessidade para a nobreza da terra como para as cidades. É por esta razão que a organização da classe dominante, isto é, da nobreza, teve sempre um monarca à cabeça.

Como vemos, são sempre indivíduos determinados (15), com uma atividade produtiva que se desenrola de um determinado modo, que entram em relações sociais e políticas determinadas. É necessário que, em cada caso particular, a observação empírica (16) mostre nos fatos, e sem qualquer especulação ou mistificação, o elo existente entre a estrutura social e política e a produção. estrutura social e o Estado resultam constantemente do processo vital de indivíduos determinados; mas não resultam daquilo que estes indivíduos aparentam perante si mesmos ou perante outros e sim daquilo que são a realidade, isto é, tal como trabalham e produzem materialmente. Resultam portanto da forma como atuam partindo de bases, condições e limites materiais determinados e independentes da sua vontade (17)

A produção de idéias, de representações e da consciência está em primeiro lugar direta e intimamente ligada à atividade material e 'ao comércio material dos homens; é a linguagem da vida real. As representações, o pensamento, o comércio intelectual dos homens surge aqui como emanação direta do seu comportamento material. O mesmo acontece com a produção intelectual quando esta se apresenta na linguagem das leis, política, moral, religião, metafísica, etc., de um povo. São os

homens que produzem as suas representações, as suas idéias, etc. (18) , mas os homens reais, atuantes e tais como foram condicionados por um determinado desenvolvimento das suas forças produtivas e do modo de relações que lhe corresponde, incluindo até as formas mais amplas que estas possam tomar A consciência nunca pode ser mais do que o Ser consciente e o Ser dos homens é o seu processo da vida real. E se em toda a ideologia os homens e as suas relações nos surgem invertidos, tal como acontece numa câmara obscura (19) isto é apenas o resultado do seu processo de vida histórico, do mesmo modo que a imagem invertida dos objetos que se forma na retina é uma conseqüência do seu processo de vida diretamente físico.

Contrariamente à filosofia alemã, que desce do céu para a terra, aqui parte-se da terra para atingir o céu. Isto significa que não se parte daquilo que os homens dizem, imaginam e pensam nem daquilo que são nas palavras, no pensamento na imaginação e na representação de outrem para chegar aos homens em carne e osso; parte-se dos homens, da sua atividade real. É a partir do seu processo de vida real que se representa o desenvolvimento dos reflexos e das repercussões ideológicas deste processo vital. Mesmo as fantasmagorias correspondem, no cérebro humano, a sublimações necessariamente resultantes do processo da sua vida material que pode ser observado empiricamente e que repousa em bases materiais. Assim, a moral, a religião, a metafísica e qualquer outra ideologia, tal como as formas de consciência que lhes correspondem, perdem imediatamente toda a aparência de autonomia. Não têm história, não têm desenvolvimento; serão antes os homens que, desenvolvendo a sua produção material e as suas relações materiais, transformam, com esta realidade que lhes é própria, o seu pensamento e os produtos desse pensamento. Não é a consciência que determina a vida, mas sim a vida que determina a consciência. Na primeira forma de considerar este assunto, parte-se da consciência como sendo o indivíduo vivo, e na segunda, que corresponde à vida real, parte-se dos próprios indivíduos reais e vivos e considera-se a consciência unicamente como sua consciência

Esta forma de considerar o assunto não é desprovida de pressupostos. Parte de premissas reais e não as abandona um único instante. Estas premissas são os homens, não isolados nem fixos de uma qualquer forma imaginária, mas apreendidos no seu processo de desenvolvimento real em condições determinadas, desenvolvimento este que é visível empiricamente. Desde que se represente este processo de atividade vital, a história deixa de ser uma coleção de fatos sem vida, como a apresentam os empiristas, e que são ainda abstratos, ou a ação imaginária de sujeitos imaginários, como a apresentam os idealistas.

É onde termina a especulação, isto é, na vida real, que começa a ciência real, positiva, a expressão da atividade prática., do processo de desenvolvimento prático dos homens É nesse ponto que termina o fraseado oco sobre a consciência e o saber real passa a ocupar o seu lugar. Ao expor a realidade, a filosofia deixa de ter um meio onde possa existir de forma autônoma. Em vez dela poder-se-á considerar, quando muito, uma síntese dos resultados mais gerais que é possível abstrair do estudo do desenvolvimento histórico dos homens. Estas abstrações, tomadas em. si, destacadas da história real não têm qualquer valor. Podem quando muito servir para classificar mais facilmente a matéria, para indicar a sucessão das suas estratificações particulares. Mas não dão, de forma alguma como a filosofia, uma receita, um esquema segundo o qual se possam acomodar as épocas históricas. Pelo contrário, a dificuldade começa precisamente quando se inicia o estudo (20) e a classificação desta matéria, quer se trate de uma época passada ou do tempo presente. A eliminação destas dificuldades depende de premissas que é impossível desenvolver aqui, pois resultam do estudo do

processo de vida real e da atuação dos indivíduos de cada época. Iremos explicar através de exemplos históricos algumas das abstrações consciência que usaremos quando do estudo da ideologia.

[2]

É certo (21) que não nos preocuparemos em explicar aos nossos sábios filósofos que, ao dissolverem na «Consciência de si» a filosofia, a teologia, a substância, etc., libertando assim «o Homem» da ditadura que nunca o subjugou, não contribuiram sequer para que a «libertação» do «homem» avançasse ‘um único passo; que não é possível levar a cabo uma libertação real sem ser no mundo real e através de meios reais; que não é possível abolir a escravatura sem a máquina a vapor e a muke-jenny (22) nem a servidão sem aperfeiçoar a agricultura; que, mais genericamente, não é possível libertar os homens enquanto eles não estiverem completamente aptos a fornecerem-se de comida e bebida, a satisfazerem as suas necessidades de alojamento e vestuário em qualidade e quantidade perfeitas (23) libertação A «libertação» é um fato histórico e não um fato intelectual, e é provocado por condições históricas, pelo [progresso] da indústria, do comércio, da agricultura... (24) estas (provocam) depois, em virtude dos seus diferentes estádios de desenvolvimento, esses absurdos: a substância, o sujeito, a consciência de si e a crítica pura, assim como os absurdos religiosos e teológicos, que são novamente eliminados quando já estão suficientemente desenvolvidos. Naturalmente, num país como a Alemanha, onde o desenvolvimento histórico é atualmente miserável, os fatos históricos ausentes são substituídos por esses desenvolvimentos de idéias deixasse, essas pobreza idealizadas e ineficazes que se incrustam, tornando-se necessário combatê-los. Mas esta luta não tem uma importância histórica geral, ela só tem uma importância local. (25)



## NOTAS

1. [Passagem cortada no manuscrito:] Nenhuma diferença específica distingue o idealismo alemão da Ideologia de todos os outros povos. Esta última considera igualmente que o mundo é dominado por idéias, que estas e os conceitos são princípios determinantes, que o mistério do mundo material, apenas acessível aos filósofos, é constituído por determinadas idéias.

Hegel levou ao máximo o idealismo positivo. Para ele, o mundo material não se limitara a metamorfosear-se num mundo de idéias e a história numa história de idéias. Hegel não se contenta com o registo dos fatos do pensamento; procura também analisar o ato de produção.

Quando são obrigados a sair do seu mundo de sonhos, os filósofos alemães protestam contra o mundo das idéias que lhes [...] a representação do [mundo] real, físico

Todos os críticos alemães afirmam que as idéias, representações e conceitos dominaram e determinaram até agora os homens reais e que o mundo real é um produto do mundo das Ideias. Todos pensam que assim aconteceu até agora, mas que a situação se vai modificar; e é aqui que se diferenciam entre si, pois têm opiniões diferentes sobre a forma Como se deve libertar o mundo dos homens, o qual, segundo eles, gemeria sob o peso das suas próprias idéias fixas, e sobre aquilo que cada um considera como idéia fixa. Mas todos acreditam no domínio das idéias e julgam que o seu raciocínio provocará necessariamente a queda do estado de coisas existente, quer pelo simples poder do seu pensamento individual quer por tentarem conquistar a consciência de todos. A crença de que o mundo real é o produto do mundo ideal, de que o mundo das idéias [...] Alucinados pelo mundo hegeliano das idéias, que se tornou o deles, os filósofos alemães protestam contra o domínio dos pensamentos, idéias e representações que até agora, no seu parecer, ou melhor, de acordo com a ilusão de Hegel, deram origem ao mundo real, o determinaram, o dominaram. Exalam um último protesto e sucumbem [...] No sistema de Hegel, as Ideias, pensamentos e conceitos produziram, determinaram e dominaram a vida real dos homens, o seu mundo material, as suas relações reais. Os seus discípulos revoltados assenhorearam-se deste postulado [...]

2. David Friedrich Strauss (1808-1874), filósofo alemão.

3. Generais de Alexandre da Macedónia que, após a sua morte, se entregaram a uma luta encarniçada a fim de atingirem o poder.

4. [Passagem cortada no manuscrito:] O mundo exterior profano não se apercebeu evidentemente de nada; nenhum destes acontecimentos que revolucionaram o mundo conseguiu exceder os limites de um processo de decomposição do espírito absoluto.

5. [Passagem cortada no manuscrito:] O crítico, esse ordenador de casamentos e funerais, não poderia naturalmente estar ausente; de fato, enquanto resíduos das grandes guerras de libertação,

6. Neste caso: resíduo.

7. [Passagem cortada no manuscrito:] (e da pequenez nacional).

8. [Passagem cortada no manuscrito:] por essa razão que faremos preceder a crítica individual dos diversos representantes deste movimento de algumas anotações gerais (as quais bastarão para caracterizar o nosso ponto de vista crítico e fundamentá-lo tanto quanto necessário. Se opomos estas anotações a Feuerbach, é por ser ele o único a constituir um efetivo progresso, o único cujas obras podem ser estudadas de *bonne foi* \*); tais anotações esclarecerão os pressupostos ideológicos que lhes são comuns. \*. De boa fé; em francês no texto original.

9. [Passagem cortada no manuscrito:] e que apenas procuram atingir uma modificação da consciência dominante.

10. [Passagem cortada no manuscrito:] Apenas conhecemos uma ciência, a da história. Esta pode ser examinada sob dois aspectos; podemos dividi-la em história da natureza e história dos homens. Porém, estes dois aspectos não são separáveis; enquanto existirem homens, a sua história e a da natureza condicionar-se-ão reciprocamente. A história da natureza, aquilo que se designa por ciência da natureza, não nos interessa aqui; pelo contrário, é-nos necessário analisar em pormenor a história dos homens, pois, com efeito, quase toda ~ ideologia se reduz a uma falsa concepção dessa história~ puro e simples abstrair dela. A própria ideologia é somente um dos aspectos dessa história,

11. [Passagem cortada no manuscrito:] O primeiro ato histórico desses indivíduos, através do qual se distinguem dos animais, não é o fato de pensarem, mas sim o de produzirem os seus meios de existência.

12. [Passagem cortada no manuscrito:] Ora este estado de coisas não condiciona apenas a organização que emana da natureza, a organização primitiva dos homens, principalmente no que se refere às diferenças de raça; condiciona igualmente todo o seu desenvolvimento ou não desenvolvimento ulterior.

13. [Passagem cortada no manuscrito:] entre os Plebeus romanos encontramos em primeiro lugar pequenos proprietários de terra, ao que se segue a constituição embrionária de um proletariado, tendência que aliás não se desenvolve devido à sua posição intermédia entre cidadãos possuidores e escravos.

14. Licinius: tribuno do povo que editou em 367, juntamente com Sextius, leis que favoreciam os plebeus, e segundo as quais nenhum cidadão romano tinha o direito de possuir mais do que uma determinada extensão de terras pertencentes ao Estado.

15. [Passagem 'cortada no manuscrito:] em relações de produção determinadas.

16. [Passagem cortada no manuscrito:] que se atém apenas aos dados reais.

17. [Passagem cortada no manuscrito:] As representações aceites por estes Indivíduos são idéias quer sobre as suas relações com a natureza, quer sobre as relações que estabelece entre si ou quer sobre a sua. própria natureza. ~ evidente que, em todos estes casos, tais representações constituem a expressão consciente - real ou imaginária - das suas relações e das suas atividades reais, da sua produção, do seu comércio, do seu (organização) comportamento político e social, Só é defensável a hipótese inversa se supõe um outro espírito, um espírito particular, para além do espírito dos indivíduos reais, condicionados materialmente, Se a expressão consciente das condições de vida reais destes indivíduos é imaginária, se nas suas representações consideram a realidade invertida, este fenómeno é ainda uma consequência do seu modo de atividade material limitado e das relações sociais deficientes que dele resultam.

18. [Passagem cortada no manuscrito:] e, para sermos precisos, os homens tais como são condicionados pelo modo de produção da sua vida material, pelo seu comércio material e o seu desenvolvimento ulterior na estrutura social e política.

19. Câmara escura.

20. [Passagem cortada no manuscrito:] a procurar a interdependência real, prática, dessas diferentes estratificações.

21. [Passagem cortada no manuscrito:] antes da expressão 'é certo': na Sagrada Família, foi convenientemente refutada a idéia de que estes santos filósofos e teólogos, ao escreverem algumas vulgaridades sobre o espírito absoluto, teriam criado a "não-autonomia dos indivíduos". Como se o indivíduo, quer dizer, todo o ser humano, «deixasse de ser autônomo» indivíduo, dependência estivesse realmente dissolvido «no Espírito absoluto» a partir do momento em que alguns pobres especuladores dessem a conhecer estas ninharias ao «Indivíduo», dando-lhe ordem para «se dissolver» imediatamente «no Espírito absoluto» sem a mais pequena hesitação! É de notar que se esses merceeiros puderam chegar a tais manias filosóficas não o conseguiram devido à «dependência, à não-autonomia do indivíduo», mas por causa da miséria da situação social.

22. Primeira máquina de fiação automática.

23. Marx tinha escrito primeiro: em qualidade e quantidade suficientes; este adjetivo foi riscado e substituído por vollständig.

24. [Manuscrito deteriorado:] As palavras entre parêntesis não são legíveis no original.

25. [Variante no manuscrito original:] trata-se de urna luta que nos traz novos resultados é. massa dos homens; a luta da Alemanha...